Bernardo Kucinski e Alan Pauls: a memória da ditadura na ficção contemporânea brasileira e argentina

Berttoni Licarião
Doutorando, Universidade de Brasília
Orientadora: Regina Dalcastagnè

Resumo: O trabalho consiste em comparar a ficção de dois autores contemporâneos, Bernardo Kucinski e Alan Pauls, cujas obras abordam os períodos de ditadura militar no Brasil e na Argentina, respectivamente. Levanta-se a hipótese de que as estruturas estéticas e narrativas dessas obras, escritas em meio a processos de redemocratização e abertura de Comissões da Verdade, representam a vivência do trauma de diferentes perspectivas, definidas pelo grau de crueldade e extermínio das máquinas repressoras, e pelo papel que a memória desses períodos exerce no imaginário de cada país. A partir de uma perspectiva dialógica (Mikhail Bakhtin), auxiliada por teorias sobre memória (Paul Ricoeur, Rebecca Atencio, Joël Candal) e trauma (Beatriz Sarlo, Márcio Seligmann-Silva, E. Ann Kaplan), pretende-se investigar de que maneira as diversas vozes do presente diegético se articulam em relação aos discursos passados, bem como de que forma as obras de Kucinski e Pauls resgatam e atualizam uma memória da literatura para produzir novos efeitos de leitura sobre aquele período da história recente da América Latina.

Palavras-chave: Ditadura, memória, trauma, Bernardo Kucinski, Alan Pauls.

Imagem: Vincent Desiderio

Não obstante o insumo biográfico, *K. Relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski é sobretudo obra de ficção, ainda que a complementaridade entre real e fictício seja evidente desde a advertência que abre a novela: “Caro leitor: Tudo neste livro é invenção, mas quase tudo aconteceu.” A busca empreendida por K., personagem que dá unidade à obra, é marcada pelo absurdo, pela perda de sentido e, consequentemente, pela negatividade da experiência. Semelhante a uma fracassada versão moderna da Antígona, K. se vê impulsionado numa busca pelo direito de sepultar seus mortos sem, contudo, dispor dos mecanismos para vencer a máquina estatal de desaparecimentos. Enredado numa trama de personagens com matizes kafkianos, a jornada de K. o levará à reconstrução da individualidade perdida da filha, de quem soube tão pouco quando viva, mas cuja violenta supressão lhe proporciona, irônica e tragicamente, uma oportunidade de reaproximação. O sucesso dessa construção advém da estrutura do texto, composto por capítulos breves que intercalam diferentes vozes e pontos de vista, como uma carta da filha endereçada a uma amiga, o depoimento da amante do torturador Sérgio Fleury, a consulta com uma psicóloga de uma servente que trabalhou na “Casa da Morte” em Petrópolis, etc.

Na contramão da literatura produzida no Brasil, de que Bernardo Kucinski é expoente, encontra-se a obra do argentino Alan Pauls. A trilogia de Pauls pode ser lida como um longo ensaio sobre o desajuste entre intimidade e processo histórico. Com um estilo que carrega forte herança proustiana, misto de romance psicológico e político, a narrativa segue a formação do protagonista entre anos de chumbo e luta armada. Marcado por obsessões que acompanham diferentes fases de sua vida, o protagonista observa a violência, a paixão política, as utopias e as profundas contradições da época filtradas pela percepção do valor do choro, pela ideologia implícita em um corte de cabelo e pela fugacidade do dinheiro. Narrados em terceira pessoa sempre no tempo presente, esses romances repletos de digressões ressaltam o descompasso entre preocupações profundamente secundárias e um período histórico carregado de violência e arbitrariedade.

A escassez com que Alan Pauls distribui referências sobre os horrores da ditadura – abundantes na obra do brasileiro B. Kucinski – foi o ponto de partida para a construção do presente projeto. De que maneira podemos compreender, para além da abordagem estilística, opções tão diversas no tratamento de um mesmo tema em obras coetâneas? Ou ainda, para tornar a questão-problema mais clara, o que leva Kucinski e Pauls a representarem o trauma da ditadura pelo prisma da violência brutal e desindividualizada, na obra do brasileiro, ou íntimo e psicológico (beirando à alienação), como sugere a trilogia do portenho? Será possível supor, no caso de Kucinski, que a representação desindividualizada tem o propósito de inserir o trauma brasileiro numa esfera coletiva, ou seja, que a representação coletiva do trauma visa relativizar a relação entre trauma e tragédia pessoal, diferentemente do modelo argentino, no qual o trauma já é tomado como coletivo e histórico, sendo viável, portanto, sua retomada de uma perspectiva alienada e individualista?

Bibliografia:

ATENCIO, Rebecca J. **Memory’s turn**: reckoning with dictatorship in Brazil. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Trad. Aurora Fornoni Bernadini et al. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

CANDAL, Joël. **Memória e identidade**. Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

KAPLAN, E. Ann. **Trauma culture**: the politics of terror and loss in media and literature. New Jersey: Rutgers University Press, 2005.

KUCINSKI, Bernardo. **K**: Relato de uma busca. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

KUCINSKI, Bernardo. **Você vai voltar pra mim e outros contos**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

KUCINSKI, Bernardo. **Os visitantes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PAULS, Alan. **História do pranto**. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

PAULS, Alan. **História do cabelo**. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

PAULS, Alan. **História do dinheiro**. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François [et al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.